

# *A Contrapalavra em Processos de Revisão e de Reescrita*

Renilson José **MENEGASSI\***  
Nayara Emidio de **LIMA\*\***

\* Doutor em Letras pela Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho (UNESP-Assis). Docente da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Contato: renilson@wnet.com.br.

\*\* Mestranda em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Contato: nayaraemidio@gmail.com.

## **Resumo:**

Neste estudo, objetivamos investigar como a contrapalavra configura-se nos discursos escritos de alunos e como os processos de revisão e de reescrita podem contribuir para a sua manifestação nos textos produzidos em situação de ensino. Para tanto, pautamo-nos na concepção dialógica de linguagem (BAKHTIN, 2003; BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2010), bem como nas discussões acerca dos processos de revisão e reescrita (MENEGASSI, 1998; JESUS, 2004; RUIZ, 2010). No estudo, analisamos o processo de produção textual escrita do gênero discursivo resumo, realizadas por estudantes do Ensino Fundamental II, considerando: a) as orientações presentes no comando de produção; b) a primeira versão do texto do estudante; c) as correções efetuadas no processo de revisão docente; d) a segunda versão do texto produzido. Com a análise, pudemos verificar as transformações de “palavras alheias” em “palavras minhas” no processo de produção textual e as contribuições das correções da professora à produção dos alunos e à manifestação de contrapalavras nos resumos.

## **Palavras-chave:**

Contrapalavra. Revisão e reescrita. Resumo escolar.

*Signum: Estudos da Linguagem, Londrina, v. 21, n. 3, p. 308-327, dez. 2018*

*Recebido em: 26/09/2018*

*Aceito em: 11/11/2018*

# A Contrapalavra em Processos de Revisão e de Reescrita

---

Renilson José Menegassi; Nayara Emidio de Lima

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A escrita, prática discursiva que possibilita a interação entre sujeitos e um dos eixos do processo de ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa na Educação Básica, é um tema de estudo pertinente, por possibilitar análise e reflexão sobre as práticas desenvolvidas em sala de aula. Para investigar tal contexto de interação entre professor e aluno, as proposições do Círculo de Bakhtin (BAKHTIN, 2003; BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2010) sobre o processo de interação verbal social e o funcionamento dialógico da linguagem são norteadoras para a compreensão de como o processo de escrita se constitui nesse campo de atuação humana. Assim, a concepção dialógica de linguagem, bem como as discussões acerca dos processos de revisão e reescrita, conforme trabalhos de Menegassi (1998), Jesus (2004) e Ruiz (2010), configuram o escopo teórico deste estudo, numa tentativa de articulação entre as teorias.

Nosso objetivo é compreender de que forma a contrapalavra, conceito do Dialogismo, configura-se nos discursos escritos de alunos e como os processos de revisão e de reescrita podem contribuir para a sua manifestação nos textos produzidos em situação de ensino. Nesse sentido, destacamos como objeto de análise textos do gênero discursivo Resumo Escolar e delineamos nossa pesquisa tendo como participantes os produtores desses textos, estudantes do Ensino Básico, e a professora de Língua Portuguesa da turma.

As análises consideram, portanto: a) as orientações apresentadas no comando de produção, produzidas pela professora para encaminhar a atividade de escrita; b) a primeira versão do texto do aluno; c) a revisão efetuada pela professora para orientar a revisão e a reescrita do estudante; d) a segunda versão do resumo. Esses registros possibilitam-nos verificar as transformações de “palavras alheias” em “palavras minhas” e as contribuições das correções da professora à produção dos alunos, chegando-se à noção de contrapalavra, todos conceitos dialógicos a serem aqui discutidos.

## A CONTRAPALAVRA E A RELAÇÃO COM OS PROCESSOS DE REVISÃO E DE REESCRITA

Ao nos propormos discutir sobre manifestações de contrapalavra nos processos de revisão e de reescrita desenvolvidos em textos produzidos no Ensino Básico, faz-se necessário demarcar a vertente teórico-metodológica que subsidia nossas reflexões. Pautamo-nos na concepção dialógica de linguagem (BAKHTIN, 2003; BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2010), que compreende a linguagem como instrumento que possibilita a interação verbal social,

fundamental para o processo de produção dos discursos, e constitutiva dos sujeitos, por permear suas práticas, entre elas as vinculadas ao ensino.

Conceber a linguagem como dialógica também implica entender que o dialogismo é intrínseco a todo discurso, ou seja, sempre pressupõe o diálogo com o outro, uma vez que “toda palavra comporta *duas faces*. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede *de* alguém, como pelo fato de que se dirige *para* alguém. Ela constitui justamente *o produto da interação do locutor e do ouvinte*” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2010, p. 117). Tal proposição evidencia seu caráter dialógico e o fato de que todo dizer mantém uma relação com outros dizeres, anteriores ou subsequentes, o que é um fato no processo de revisar e reescrever um texto a partir de orientações de um professor.

A palavra pode ser compreendida como o discurso que possibilita a interação entre os sujeitos em suas diversas práticas de uso da linguagem. Para Bakhtin/Volochinov (2010, p. 117), “Toda palavra serve de expressão a *um* em relação ao *outro*. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros”, pois estabelece a relação entre os sujeitos e permite sua constituição a partir dessa. Ainda sobre a palavra, Stella (2012) afirma que “pode ser entendida como um ‘signo neutro’, não no sentido de que não tenha ‘carga ideológica’, mas no sentido de que, como signo, como conjunto de virtualidades disponíveis na língua, recebe carga significativa a cada momento de seu uso” (p. 179).

Dessa forma, por poder assumir diversas funções conforme a situação de interação verbal, é necessário considerá-la em seus usos. A autora apresenta a palavra como signo ideológico, com base em Bakhtin, e explicita que a denominação “neutra” é atribuída por esta expressar uma realidade apenas ao integrar uma situação concreta de uso da linguagem.

Além da noção de “palavra neutra”, como palavra da língua, que não pertence a ninguém, Bakhtin (2003) sustenta que a palavra pode se revelar sob outros dois outros aspectos: palavra alheia e palavra minha. A primeira consiste na palavra dos outros, “cheia de ecos de outros enunciados” (BAKHTIN, 2003, p. 294). A palavra minha é aquela que está permeada de expressão própria, por ter sido utilizada em situação determinada, com uma intenção discursiva específica. Essa se constitui por um processo ativo sobre a palavra do outro, pois, após apropriar-se da palavra alheia e relacioná-la a experiências próprias, o sujeito realiza uma transformação e gera um novo dizer, assimilado, reelaborado e com valorização das palavras do outro reacentuada (BAKHTIN, 2003), denominada contrapalavra.

A partir dessas noções, podemos compreender a manifestação de contrapalavras por parte dos sujeitos como esse processo de apropriação da palavra do outro que possibilita um novo discurso, permeado de marcas próprias de seu locutor. Da mesma forma, é possível deprendermos que, nas práticas de uso da linguagem, como a produção de textos, o autor apresenta escolhas linguísticas próprias, mas, também, discursos anteriores, a partir dos quais forma seu dizer e com os quais mantém um diálogo.

Essas relações dialógicas entre os discursos são mantidas pela cadeia de responsividade que permeia as práticas discursivas. Faraco (2009) apresenta que todo dizer se orienta para o “já dito” e para uma resposta, ou seja, consiste em uma réplica e espera por

uma réplica. A resposta de nossos enunciados aos enunciados anteriores está diretamente relacionada à compreensão, pois todo enunciado, ao ser ativamente compreendido, espera por uma atitude responsiva de seu interlocutor, o que é salientado por Bakhtin (2003, p. 271): “Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva [...]; toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante”.

A compreensão do enunciado é fundamental para que a resposta ao discurso seja possível, de modo que compreensão e resposta não podem ser dissociadas. Assim, em situação de interação, o sujeito assume uma ativa posição responsiva a partir da compreensão do enunciado do outro e apresenta uma contrapalavra ao seu interlocutor, mantendo o diálogo instaurado. Conforme Bakhtin/Volochinov (2010, p. 137), “A compreensão é uma forma de diálogo; ela está para a enunciação assim como uma réplica está para a outra no diálogo. Compreender é opor à palavra do locutor uma contrapalavra”, portanto, o sujeito precisa compreender o discurso de seu interlocutor para que manifeste sua contrapalavra.

Ao considerarmos que a contrapalavra pode fazer-se presente nos discursos dos sujeitos, é possível atrelar tal conceito ao trabalho desenvolvido com a escrita em contexto de ensino, dado que, no processo de escrita, o estudante pode desenvolver uma nova palavra, a partir do contato com uma “palavra alheia”, seja do professor, de colegas ou de textos, por meio do processo de interação verbal possibilitado pela prática de produção textual.

Pautados em tais pressupostos do círculo de Bakhtin, concebemos a escrita a partir de uma vertente processual-discursiva, denominada escrita como trabalho (FIAD; MAYRINK-SABINSON, 1991; MENEGASSI, 2016), na qual a interação entre os sujeitos é considerada como primordial para tal prática. Nesta, a escrita deve ser assumida como um processo contínuo de ensino e aprendizagem que “envolve momentos diferentes, como o de planejamento de um texto, o da própria escrita do texto, o da leitura do texto pelo próprio autor, o das modificações feitas no texto a partir dessa leitura” (FIAD; MAYRINK-SABINSON, 1991, p. 55), ou seja, etapas processuais e recursivas – de planejamento, execução, revisão e reescrita. As etapas de revisão e de reescrita são fundamentais na prática de escrita, pois possibilitam que o diálogo entre professor e aluno perpassa todo o processo de produção textual.

A revisão pode ser compreendida como etapa de reflexão e busca pela adequação do texto, com base nas orientações estabelecidas para determinada situação de produção e nos elementos das condições de produção. Conforme Menegassi (2016), em situação de ensino, a revisão pode ser realizada de três formas: a partir do próprio produtor do texto, da visão de colegas de classe, ou de seu professor, que efetua intervenções visando a tornar o texto do estudante mais adequado à proposta de escrita. Tais intervenções são discutidas por Ruiz (2010), que apresenta quatro tipos de correção que o professor pode utilizar em sua revisão, retomando três anteriormente propostas por Serafini (1987): indicativa, resolutiva, classificatória e textual-interativa. A etapa da reescrita deve ser entendida “como atividade de exploração das possibilidades de realização lingüística, de tal forma que o instituído pelos cânones gramaticais fosse colocado a serviço desse objetivo maior e, por isso mesmo,

passível de releituras e novas formulações” (JESUS, 2004, p. 100); assim, consiste no momento em que o produtor efetua as alterações em seu texto, considerando os aspectos observados na revisão. Desse modo, a reescrita possui relação direta com revisão. Nessa etapa, o produtor pode fazer uso de diferentes estratégias, denominadas operações linguístico-discursivas, as quais evidenciam sua atitude responsiva no processo escrita. Menegassi (1998), com base em Fabre, apresenta cinco operações que o produtor pode realizar a partir da revisão de seu texto: adição, supressão, substituição, descolamento e de ignorar.

Considerar os processos de revisão e de reescrita para refletir sobre a manifestação de contrapalavras é uma possibilidade de análise. No momento em que o professor, em seu turno de correção, realiza apontamentos no texto do estudante e encaminha sua reescrita, a interação e o diálogo, antes instaurados, são mantidos por meio da própria produção textual e de seu ir e vir nesse processo. Ao realizar correções e levar o estudante a revisar e a reescrever seu texto, o professor possibilita o desenvolvimento e a exposição de discursos próprios do aluno a partir do contato e do diálogo com suas palavras. Assim, o trabalho com a contrapalavra é, também, realizado por meio das etapas de revisão e de reescrita do texto.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para realizar este estudo, entramos em contato com uma professora de um colégio da rede estadual do Noroeste do Paraná, que se propôs a disponibilizar textos do gênero discursivo Resumo Escolar, produzidos por seus 26 alunos do 7º ano do Ensino Fundamental II. Em uma busca por obter informação sobre como o processo de produção textual foi desenvolvido, pedimos à professora que nos explicasse como foi o trabalho prévio ao encaminhamento da proposta de escrita, com o comando de produção. Ela informou que o Livro Didático (LD) da turma, *Português: linguagens* (CEREJA; MAGALHÃES, 2012), não apresentava trabalho com o gênero Resumo; portanto, optou por utilizar o livro intitulado *Resumo* (MACHADO; LOUSADA; ABREU-TARDELLI, 2004) para subsidiar sua prática.

A partir da leitura de textos sobre diferentes temas, presentes no LD da turma e selecionados de outras fontes, e da realização de atividades sobre esses textos, a professora, anteriormente ao encaminhamento da produção escrita, realizou um trabalho acerca do gênero escolhido, suas funções e finalidades, bem como características. Ao encaminhar atividades que tratavam de aspectos próprios do gênero ou de sua constituição em relação ao conteúdo e à organização composicional, a professora teve como objetivo possibilitar maior compreensão dos alunos.

Para encaminhar a escrita dos estudantes, ela orientou, inicialmente, que realizassem a leitura individual do conto *A Doida*, de Carlos Drummond de Andrade, presente no LD. Após, houve uma discussão com a turma sobre a história e a realização de atividades de interpretação e compreensão, propostas no LD, sobre o conto. Em seguida, a professora encaminhou a produção do resumo, ao apresentar o comando de produção elaborado por

ela. Os resumos foram entregues à professora após a produção, revisados por ela e encaminhados à revisão e à reescrita por parte dos estudantes.

Enquanto estudante do sétimo ano, após ter estudado o gênero **Resumo** em sala de aula e ter lido o conto ‘A Doida’, de Carlos Drummond de Andrade (páginas 124 a 127 do Livro Didático), produza um **Resumo**, de 10 a 15 linhas, para demonstrar sua capacidade de compreensão e síntese de ideias. A sua produção servirá como diagnóstico para o projeto ‘Letramento, leitura e escrita’.

Não se esqueça de usar os verbos no passado, citar o título do conto que foi resumido e o seu autor. Lembre-se, também, de apresentar apenas as informações mais importantes. Além disso, veja se o seu resumo apresenta a mesma ordem dos acontecimentos do conto e cuide da pontuação e ortografia.

A partir das informações da professora em relação a todo o processo, iniciamos a análise das 26 produções textuais escritas do gênero discursivo resumo, considerando primeira e segunda versões, com vistas a verificar as diferentes manifestações de contrapalavra quanto ao texto-fonte e discutir as implicações das intervenções da professora para tal manifestação nas produções dos alunos. Para exemplificar, selecionamos primeira e segunda versões das produções escritas de três estudantes, bem como as intervenções realizadas pela professora nos textos.

## **CONTRAPALAVRAS NOS PROCESSOS DE ESCRITA, REVISÃO E REESCRITA**

No comando de produção, há várias orientações para o produtor; entre estas, apresentadas por meio dos elementos das condições de produção (MENEGASSI, 2011), gostaríamos de destacar a finalidade da produção do texto “para demonstrar sua capacidade de compreensão e síntese de ideias”, que expõe ao estudante a razão da proposta de escrita. Tal orientação possibilita que o estudante compreenda o porquê de escrever o texto e entenda a necessidade da manifestação de compreensão acerca do conto, texto-fonte e de capacidade de síntese. Assim, para cumprir a finalidade, o estudante precisaria expressar compreensão responsiva no processo de produção textual, bem como apresentar contrapalavras.

Na análise das 26 produções, observamos que, na primeira versão, apenas cinco estudantes demonstraram compreensão em relação ao texto-fonte e apresentaram as informações e ideias de forma sintetizada em seu resumo, aspectos essenciais para o entendimento do leitor. Dessa forma, podemos afirmar que, nesses resumos, os estudantes, enquanto leitores do conto, compreenderam os enunciados apresentados, ou seja, apropriaram-se da palavra alheia e, ao relacioná-la com suas experiências, geraram um novo dizer: “palavra minha”. Esse processo, de transformação da palavra alheia em própria, é fundamental para a escrita de textos e, principalmente, para a produção do gênero Resumo Escolar. Por consistir em um texto parafrástico (BRAGAGNOLLO, 2017), o resumo deve retomar as palavras do texto-fonte. No entanto, precisa apresentá-las por meio de palavras diferentes, isto é, cabe ao produtor efetuar a transformação. A seguir, apresentamos textos de um estudante em que esse processo pode ser percebido:

Exemplo 1: Estudante A – primeira e segunda versões

- ⑤
1. O conto "A doida" de Carlos Drummond de Andrade conta
  2. a história ~~de~~ <sup>de</sup> uma senhora <sup>que</sup> morava sozinha e <sup>de</sup> três garotos que
  3. pensavam que ela era louca, eles ficaram jogando
  4. pedras na casa da velha.
  5. Um dos garotos entrou <sup>no</sup> jardim, eles pensaram
  6. que era um jardim inimigo, mesmo assim ele entrou na
  7. casa, o garoto andou pela casa e viu a senhora deitada na
  8. cama, em volta dela estava cheio de brócolis, o menino pensa
  9. na que ela era louca, mas na verdade ela estava doente, ela
  10. (mínimo) foi esclava dos outros, por causa de seu marido que
  11. empurrou ela da escada, o garoto pegou na mão dela, e ficou
  12. esperando o que iria acontecer.
  13. Cima, leve uma informação para o começo, quando você
  14. estava falando da velha. Você poderia dizer por que o
  15. menino resolveu entrar no jardim e como a velha reagiu aos insultos dos meninos.
- Reescreva. Preste atenção nos parágrafos.

CÓDIGO CORREÇÃO DO RESUMO	
1	Faça referência ao título e autor do conto. Você deve apresentar o texto para o leitor, dizendo do que se trata, qual o seu autor, o título, quais personagens o compõem (os mais importantes, nesse caso, a velha e os meninos).
2	Não é necessário apresentar as descrições da personagem e do lugar.
3	3-petição desnecessária de informações. Tire o que está em excesso.
4	trecho confuso. Reescreva com mais clareza.
5	início ou marque o parágrafo.
6	Falha de ortografia. Procure no dicionário e escreva corretamente.
7	Falha de acentuação. Procure no dicionário e escreva corretamente.
8	Falha de concordância (singular ou plural). Reveja.
9	Não entendi o que você escreveu.
10	Todos os verbos devem estar no passado. Reveja.
11	Reveja o uso da letra maiúscula (início de parágrafo, depois de ponto final, substantivos próprios).
12	Não há necessidade de citar todos os personagens.
13	No resumo, NÃO há título.
14	Procure um verbo mais adequado para iniciar a oração (narra, conta, apresenta...)

1. O conto "A doida" de Carlos Drummond de Andrade conta
2. a história de uma senhora que morava sozinha e de <sup>três</sup> meninos
3. desobedientes, por causa de seu marido que empurrou ela da escada,
4. e de três garotos que pensavam que ela era louca, eles ficaram
5. jogando pedras na casa da velha, ela sempre reagiu porque ouviam
6. quando os garotos dela.
7. Um certo dia, os meninos jogaram pedra e ela não reagiu, e então um
8. menino pegou um dos garotos, o menino entrou no jardim, ele pensou que era
9. um jardim inimigo, mesmo assim ele entrou na casa, o garoto andou
10. (mínimo) pela casa e viu a senhora deitada na cama, em volta dela
11. estava cheio de brócolis, o menino pensava que ela era louca, mas na
12. verdade ela estava doente, o garoto pegou na mão dela, e ficou
13. esperando o que iria acontecer.
- 14.
- 15.

Fonte: Arquivo dos autores.

No resumo do aluno A, podemos notar a exposição das principais informações presentes no conto e o atendimento à estrutura composicional e estilística do gênero; portanto, houve atendimento das orientações para a produção do texto. Embora o gênero produzido seja um texto em que tomamos outro como base para a escrita, podemos perceber a presença de palavra “minha”, uma vez que o estudante apropriou-se das palavras do outro para produzir seu texto. Tal apropriação pode ser observada no início do resumo, pela referência que o estudante faz ao conto de Drummond, pois, ao apresentar esse elemento composicional do gênero, evidencia o texto-fonte como base para formar novos discursos.

Em seu texto, o estudante manifesta compreensão de forma satisfatória, conforme solicitado no comando de produção. No resumo, apresenta as principais informações da história, considerando os personagens, as ações e o espaço. De tal modo, ao longo de todo o texto, apresenta contrapalavras, como destacamos a seguir:

### Quadro 1 – Excertos do conto *A Doida* e do texto do estudante

Excerto do conto	Excerto do texto do estudante
<p>“A doida habitava um chalé no centro do jardim maltratado. E a rua descia para o córrego, onde os meninos costumavam banhar-se. Era só aquele chalezinho, à esquerda, entre o barranco e um chão abandonado; à direita, o muro de um grande quintal. E na rua, tornada maior pelo silêncio, o burro pastava. Rua cheia de capim, pedras soltas, num declive áspero. Onde estava o fiscal, que não mandava capiná-la?</p> <p>Os três garotos desceram manhã cedo, para o banho e a pega de passarinho. Só com essa intenção. Mas era bom passar pela casa da doida e provocá-la.</p> <p>[...]</p> <p>E assim, gerações sucessivas de moleques passavam pela porta, fixavam cuidadosamente a vidraça e lascavam uma pedra. A princípio, como justa penalidade. Depois, por prazer. Finalmente, e já havia muito tempo, por hábito. Como a doida respondesse sempre furiosa, criara-se na mente infantil a idéia de um equilíbrio por compensação, que afogava o remorso.” (ANDRADE apud CEREJA; MAGALHÃES, 2012, p. 124-125).</p>	<p>“O Conto ‘A doida’ de Carlos Drummond de Andrade conta a história que uma senhora morava sozinha, e de três garotos pensavam que ela era louca, eles ficavam jogando pedra a casa da velha”.</p>

Fonte: Elaborado pelos autores.

Podemos notar que as descrições presentes no conto acerca do espaço e as características e ações atribuídas aos personagens foram tomadas pelo aluno e transformadas em um novo dizer, o que levou à manifestação de compreensão responsiva em relação ao texto lido.

Para denominar a personagem no início do resumo, o aluno utiliza o termo “senhora”, o qual não foi exposto pelo narrador de Andrade, que faz referência a ela apenas como

“doida” e “velha” na narrativa. Destacamos, também, o início do segundo parágrafo do resumo, no qual o aluno se apoia nas informações expostas pelo narrador, palavras alheias, e caracteriza o espaço como “jardim inimigo”, transformando-as em seu discurso. Consideramos que essas transformações podem configurar-se como contrapalavras do estudante, pois, a partir e em diálogo com as palavras do narrador, ele caracteriza a personagem, o espaço e manifesta suas valorizações, reacentuando o tom valorativo trazido pelas palavras do outro (BAKHTIN, 2003), numa perspectiva adequada ao nível de ensino em que se encontra.

Compreensão e síntese foram apresentadas pelo estudante na primeira versão do texto, ou seja, houve atendimento às orientações do comando. Assim, as intervenções efetuadas pela professora em sua revisão trataram de aspectos que, ao serem modificados, poderiam contribuir com a escrita do estudante, organização do resumo e compreensão do leitor em relação à história. Na revisão do texto, a professora emprega intervenções relacionadas tanto a aspectos gramaticais quanto ao conteúdo discursivo do texto.

Entre as correções, ressaltamos a correção textual-interativa (RUIZ, 2010) efetuada na parte final do texto, para tratar de um trecho específico: “*Estudante, leve essa informação para o começo, quando você estava falando da velha. Você poderia dizer por que o menino resolveu entrar no jardim e como a velha reagia aos insultos dos meninos*”. Por meio dessa orientação, a professora expõe a necessidade de deslocamento de uma informação e também sugere que outras informações podem ser apresentadas pelo aluno, a fim de desenvolver e complementar o texto. Essas orientações foram atendidas na revisão e na reescrita, mas, para isso, o estudante precisou apropriar-se das palavras alheias do conto e transformá-las em seu discurso, o que contribuiu para a manifestação de contrapalavra orientada na versão final do texto:

**Quadro 2 – Apresentação de modificações realizadas no processo de revisão e de reescrita do estudante A**

<b>Excertos do conto</b>	<b>Excerto da 1º versão</b>
<p>“O garoto empurrou o portão: abriu-se. Então, não vivia trancado? ... E ninguém ainda fizera a experiência. Era o primeiro a penetrar no jardim, e pisava firme, posto que cauteloso. Os amigos chamavam-no, impacientes. Mas entrar em terreno proibido é tão excitante que o apelo perdia toda a significação. Pisar um chão pela primeira vez; e chão inimigo.” (ANDRADE apud CEREJA; MAGALHÃES, 2012, p. 125).</p>	<p>“Um dos garotos entraram no jardim, eles pensavam que era um jardim inimigo, mesmo assim ele entrou na casa [...]”.</p>
<b>Correção da professora</b>	<b>Excerto da 2º versão</b>
<p>“[...] Você poderia dizer por que o menino resolveu entrar no jardim e como a velha reagia aos insultos dos meninos.”</p>	<p>“Um certo dia os meninos jogaram pedra e ela não reagiu, e então emcorajou um dos garotos, o menino entrou no jardim, ele pensu que era um jardim inimigo, mesmo assim ele entrou na casa [...]”.</p>

Fonte: Elaborado pelos autores.

Nos resumos dos outros 21 alunos da turma, observamos textos que se configuram como recortes textuais do conto lido, pois as produções são compostas por cópias de trechos, sem a apresentação do discurso próprio do aluno. Dessa forma, as orientações do comando de produção, com solicitação de demonstração de capacidade de compreensão e síntese, não foram atendidas pelos estudantes. Nesses textos, também verificamos casos em que houve algum equívoco de leitura, exposição excessiva de detalhes sobre o texto-fonte ou falta de apresentação de informações importantes. Assim, na primeira versão dos resumos, não há demonstração de compreensão quanto ao conto lido e/ou a síntese realizada não foi adequada, devido às informações que são apresentadas e à organização do texto.

Em doze dessas produções, a ausência de demonstração de compreensão ocorreu por dois fatores: a presença de algum equívoco de leitura, pela incompreensão ou interpretação inadequada de partes do texto, e de cópia de trechos do texto-base. A seguir, apresentamos o processo de escrita de um aluno em que há ocorrência de equívoco de leitura:

Exemplo 2: Estudante B – primeira e segunda versões

5  
 1 "A Doida" do autor Carlos Drummond de  
 2 Andrade conta ~~de~~ de uma doida que  
 3 morava num chali perto de um colégio  
 4 onde três meninos se lambaram.  
 5 Eles adoravam chegar <sup>6</sup> pichar e  
 6 atenta-la. Ela não gostava, pois era uma  
 7 melha que foi abandonada pela marido  
 8 no meio do casamento.  
 9 Um dos garotos conseguiu <sup>6</sup> entrar na casa  
 10 (mínimo) e viu que ela não era tão doida  
 11 assim. Mas a idade da doida desaparece.  
 12 O menino fica triste, pois a melha morreu.  
 13 Mas, ela não chega a morrer até o fim Não entendi  
 14 do conto. Isso fica implícito. Explique!  
 15  
 → Por que ele entrou? O que aconteceu? Está faltando  
 alguns fatos importantes. Relabore.

CÓDIGO CORREÇÃO DO RESUMO	
1	Faça referência ao título e autor do conto. Você deve apresentar o texto para o leitor, dizendo do que se trata, qual o seu autor, o título, quais personagens o compõem (os mais importantes, nesse caso, a velha e os meninos).
2	Não é necessário apresentar as descrições da personagem e do lugar.
3	Repetição desnecessária de informações. Tire o que está em excesso.
4	Trecho confuso. Reescreva com mais clareza.
5	Inicie ou marque o parágrafo.
6	Falha de ortografia. Procure no dicionário e escreva corretamente.
7	Falha de acentuação. Procure no dicionário e escreva corretamente.
8	Falha de concordância (singular ou plural). Reveja.
9	Não entendi o que você escreveu.
10	Todos os verbos devem estar no passado. Reveja.
11	Reveja o uso da letra maiúscula (início de parágrafo, depois de ponto final, substantivos próprios).
12	Não há necessidade de citar todos os personagens.
13	No resumo, NÃO há título.
14	Procure um verbo mais adequado para iniciar a oração (narra, conta, apresenta...)

- E o nº 1 Ana?*
- 1 Carlos Drummond de Andrade <sup>em A Doida</sup> conta uma
  - 2 história de uma doida que morava num chale,
  - 3 perto de Córrego onde três meninos sempre <sup>paravam</sup>
  - 4 iam e jogavam pedras, e a doida sempre reagia
  - 5 com xingamentos e gritos.
  - 6 A velha <sup>afundou</sup> afastou da sociedade, pois foi
  - 7 abandonada logo após ~~do~~ casamento pelo marido.
  - 8 Um dia, um menino percebeu que ela não
  - 9 estava reagindo mais as pedras, e decidiu <sup>entrar</sup>
  - 10 (mínimo) na casa. Lá dentro, ele viu que a doida não
  - 11 era tão doida assim, e viu também que ela estava
  - 12 muito triste e resolveu ajudar.
  - 13 O menino se sentiu muito <sup>arrependido</sup> e real-
  - 14izou ficar lá, e esperar a que lá acontecesse.

Fonte: Arquivo dos autores.

Na primeira versão da produção textual, observamos que o estudante organiza os fatos em seu texto conforme a sequência da narrativa; no entanto, verificamos falta de relação entre o segundo e o terceiro parágrafos do resumo. Nos dois primeiros parágrafos, demonstra ter compreendido o conto e a síntese realizada para produzir seu texto foi adequada. Já no terceiro parágrafo do texto, observamos a presença de equívoco de leitura, pela interpretação que realiza em relação ao final do conto. O estudante apresenta que “O menino fica triste por a velha morrer”, mas essa não é uma informação apresentada no texto de Andrade. O narrador descreve que “Havia no quarto uma velha com sede, e que talvez estivesse morrendo” e, em relação ao menino, apresenta: “E tinha medo de que ela morresse em completo abandono, como ninguém no mundo deve morrer”. Assim, o leitor compreende que a personagem estava muito debilitada e próxima da morte, mas não é possível afirmar, como o estudante faz em seu texto, que esse fato ocorreu na narrativa.

No trecho em que o aluno faz menção à tristeza do menino e à morte da personagem, podemos considerar que houve manifestação de contrapalavra, mas esta resultou em incoerência em relação ao texto-fonte. O estudante, possivelmente, toma como base todos os trechos nos quais o narrador descreve a condição da personagem e as atitudes realizadas

pelo menino, a preocupação em tentar ajudá-la, para afirmar que o garoto fica triste com a morte da personagem, ou seja, o estudante apropria-se dos discursos do conto e transformamos em palavra minha, mas seu dizer acaba apresentando uma informação inadequada.

Na revisão do texto, a professora realiza intervenções relacionadas a aspectos gramaticais e ao conteúdo discursivo do texto. Por meio de correções textual-interativas (RUIZ, 2010) realizadas na parte final do resumo, inadequações são destacadas, como a ausência de informações importantes e apresentação inadequada de fatos da história, as quais foram atendidas pelo estudante na revisão e reescrita e contribuíram para a manifestação de contrapalavras na versão final:

**Quadro 3 – Apresentação de modificações realizadas no processo de revisão e de reescrita do estudante B**

Excerto do conto	Excerto da 1º versão do texto
<p>“Esperaram um pouco, para ouvir os gritos. As paredes descascadas, sob as trepadeiras e a hera da grade, as janelas abertas e vazias, o jardim de cravo e mato, era tudo a mesma paz.</p> <p>Aí o terceiro do grupo, em seus 11 anos, sentiu-se cheio de coragem e resolveu invadir o jardim. [...] Os companheiros, desapontados com a falta do espetáculo cotidiano, não, queriam segui-lo. E o chefe, fazendo valer sua autoridade, tinha pressa em chegar ao campo.</p> <p>[...]</p> <p>Atrás da massa do piano, encurralada a um canto, estava a cama. E nela, busto soerguido, a doida esticava o rosto para a frente, na investigação do rumor insólito.</p> <p>[...]</p> <p>Ele encarava-a, com interesse. Era simplesmente uma velha, jogada num catre preto de solteiro, atrás de uma barricada de móveis. E que pequenininha!</p> <p>[...]</p> <p>Talvez pedisse água. A moringa estava no criado - mudo, entre vidros e papéis. Ele encheu o copo pela metade, estendeu-o. A doida parecia aprovar com a cabeça, e suas mãos queriam segurar sozinhas, mas foi preciso que o menino a ajudasse a beber.”</p> <p>(ANDRADE <i>apud</i> CEREJA; MAGALHÃES, 2012, p. 125-126).</p>	<p>“Um dos garotos conseguiu entrar na casa e viu que ela não era tao doida assim. Mas a idade da doida desaparece. O menino fica triste pos a velha morre.”</p>
Correções da professora	Excerto da 2º versão do texto
<p>“Por que ele entrou? O que aconteceu? Estão faltando alguns fatos importantes. Reelabore”.</p> <p>“Não entendi. Explique!”.</p> <p>“Estudante, ela não chega a morrer até o fim do conto. Isso fica implícito”.</p>	<p>“Um dia, um menino percebeu que ela não estava reagindo mais as pedras, e desidiu emtrar na casa. Lá dentro, ele viu que a doida não era tão doida assim, e viu também que ela estava muito doente e resolveu ajudar.</p> <p>O menino se sentiu muito arrependido e resolveu ficar lá, e esperar o que ia acontecer”.</p>

Fonte: Elaborado pelos autores.

Com as correções, a professora instiga o aluno a acrescentar informações em seu texto e adequar alguns trechos, levando à reflexão e encaminhando a revisão e a reescrita do estudante. Para atender às correções, o estudante realiza alterações, suprime informações e acrescenta outras ao texto, evidenciando maior compreensão e melhor síntese do conto. Dessa forma, a revisão da professora possibilitou que o aluno, ao produzir uma segunda versão, compreendesse o texto de Andrade para desenvolver e adequar seu resumo, convertendo as palavras alheias em palavra minha, com posicionamento valorativo próximo ao do conto, ao apresentar que “O menino se sentiu muito arrependido”, atribuindo sentimentos ao menino a partir de uma interpretação das descrições expostas pelo narrador. Esta prática demonstra como a contrapalavra pode ser ensinada e desenvolvida em situação de ensino, pelos processos de revisão e reescrita, contribuindo para o discurso escrito do aluno.

Nos textos de outros dois estudantes, entre os 12, as cópias também continuam presentes em parte do texto, mesmo após a revisão e a reescrita, e há outro estudante que mantém o equívoco de leitura. Contudo, apesar da manutenção no resumo de trechos próprios do conto ou de algum equívoco de leitura, a revisão da professora contribuiu, de modo geral, para que os estudantes apresentassem sua compreensão responsiva, por meio de contrapalavras, nos textos produzidos, pois as correções abordaram esse aspecto, em uma busca por orientar a adequação do texto, como nos exemplos a seguir:

Exemplo 3: Correção realizada na primeira versão do estudante C

- 13\_ Estudante em vez de copiar partes você precisa ler, enten-  
14 der e escrever contando a história com suas palavras.  
15 É preciso ir "ligando" o texto e não ir colocando fra-  
ses isoladas, o que o deixa sem sentido!

Exemplo 4: Correção realizada na primeira versão do estudante D

- 15 Bom Estudante , mas como você copiou algumas partes  
nem tudo fica coeso, ou seja, uma oração não se liga  
a outra porque falta uma "parte". Tente contar usando  
suas palavras!

Exemplo 5: Correções realizadas na primeira versão do estudante E

seu texto está completo, mas você acabou apenas retirando  
do frases e copiando e ele não fica um texto coerente e coeso  
É preciso que você use suas palavras para narrar esses  
fatos. Assim, vai ver que seu texto ficará menor e lem-me  
hor de ler.

Fonte: Arquivo dos autores.

Essas correções consistem em comentários (MENEGASSI; GASPAROTTO, 2016), uma das três formas de configuração da correção textual-interativa, que possibilita interação entre professor e aluno, apresenta um carácter explicativo e leva o aluno à reflexão sobre o aspecto que foi destacado. Ao empregar essa correção, “que se trata da abordagem mais completa de revisão textual-interativa” (MENEGASSI; GASPAROTTO, 2016, p. 1034), a professora pode melhor encaminhar a revisão e a reescrita do aluno, apresentando aspectos que precisam ser adequados, e possibilitar que os estudantes manifestem contrapalavras em seus resumos a partir da compreensão do conto, tendo em vista a necessidade de a palavra do outro passar por um processo de apropriação para que possa ser transformada em palavra minha.

Ao considerarmos os textos dos 21 alunos que não apresentaram, conforme solicitado, compreensão e capacidade de síntese na primeira versão, há nove que apresentam, em seus resumos, principalmente, excesso de detalhes ou ausência de informações importantes da história, o que está relacionado à capacidade de síntese dos estudantes. Para exemplificar, apresentamos um processo de escrita em que a falta de informações pode ser observada:

Exemplo 6: Estudante F – primeira e segunda versões

1 No conto "A doida" escrito por Carlos Drummond  
 2 de Andrade conta-se a história de uma mulher  
 3 que foi abandonada por seu marido e de 3...  
 4 → Três garotas <sup>que</sup> gostavam de provocá-la, até  
 5 que a líder tomou uma decisão, entrar na  
 6 casa da doida, a casa era vazia, ele foi  
 7 até o quarto dela, e encontrou-a, era  
 8 uma senhora idosa e doente, ela não era  
 9 o que diziam. Ele ficou com pena dela  
 10(mínimo) e começou a ajudá-la levando água  
 11 e fazendo companhia até o final.

12  
 13 Maria Paula, seu texto está bom, mas você deixou de citar  
 14 muitos fatos importantes: por que os meninos sempre jogaram  
 15 pedra na casa? Por que um resolveu entrar? Você  
 pode acrescentar mais e outros fatos relevantes!

CÓDIGO CORREÇÃO DO RESUMO	
1	Faça referência ao título e autor do conto. Você deve apresentar o texto para o leitor, dizendo do que se trata, qual o seu autor, o título, quais personagens o compõem (os mais importantes, nesse caso, a velha e os meninos).
2	Não é necessário apresentar as descrições da personagem e do lugar.
3	Repetição desnecessária de informações. Tire o que está em excesso.
4	Trecho confuso. Reescreva com mais clareza.
5	Inicie ou marque o parágrafo.
6	Falha de ortografia. Procure no dicionário e escreva corretamente.
7	Falha de acentuação. Procure no dicionário e escreva corretamente.
8	Falha de concordância (singular ou plural). Reveja.
9	Não entendi o que você escreveu.
10	Todos os verbos devem estar no passado. Reveja.
11	Reveja o uso da letra maiúscula (início de parágrafo, depois de ponto final, substantivos próprios).
12	Não há necessidade de citar todos os personagens.
13	No resumo, NÃO há título.
14	Procure um verbo mais adequado para iniciar a oração (narra, conta, apresenta...)

10 (parágrafo)

1 No conto "A doida" escrito por Carlos Drummond  
 2 de Andrade narra-se a história de uma mulher  
 3 que foi abandonada por seu marido e de 3 garotas  
 4 que gostavam de provocá-la, porque seu pai  
 5 falou que aquela senhora era doida.  
 6 Até que um dia as 3 garotas foram na casa  
 7 da doida para provocá-la, jogaram pedras na  
 8 casa e viram que não houve nenhuma reação,  
 9 então a líder tomou uma decisão: entrar na  
 10(mínimo) casa.  
 11 Quando ele entrou estava vazia, foi até o quarto  
 12 e ~~de~~ encontrou ~~o~~ ~~essa~~ uma senhora idosa e  
 13 doente. Ela não era o que diziam ser. Ele ficou  
 14 com pena dela e começou a ajudá-la levando  
 15 do água e fazendo companhia até o final.

Fonte: Arquivo dos autores.

Ao analisarmos a primeira versão, constatamos que o estudante manifesta compreensão em relação ao conto, mesmo com a falta de algumas informações, e apresenta contrapalavras. Faz referência ao conto, marcando que seu texto foi produzido a partir deste, mas podemos notar como houve uma reconstrução do discurso do texto de Andrade e, já na produção inicial, transformação da palavra do outro em palavra minha. Em algumas partes do texto, nas quais há inserção de termos como “líder” e “senhora idosa doente” e as expressões “*ficou com pena dela*” e “*fazendo companhia até o final*”, o estudante apresenta caracterizações para os personagens com base no que é exposto sobre eles no conto, manifestando contrapalavras e sua compreensão idiossincrática. Ao fazer referência à personagem como “idosa” e não como “velha”, o aluno apresenta, de certo modo, discurso e valores de seu grupo, já que

Em cada época, em cada círculo social, em cada micromundo familiar, de amigos, de conhecidos, de colegas, em que o homem cresce e vive, sempre existem enunciados investidos de autoridade que dão o tom [...] nas quais as pessoas se baseiam, as quais citam, imitam, seguem (BAKHTIN, 2003, p. 294).

A partir de palavras alheias, o dizer do estudante é manifestado no texto, compenetrado de sua expressão e posição valorativa. Descrições apresentadas pelo narrador do conto, sobre a situação em que a velha é encontrada, permitem que o estudante expresse que o menino ficou com pena, uma vez que ele se surpreende com o estado físico da personagem e busca ajudá-la na parte final da narrativa. O estudante também apresenta que o menino ficou “fazendo companhia até o final”, caracterizando a ação de forma positiva, possivelmente, por considerar as descrições acerca de todo o cuidado anterior deste e sua preocupação em não deixar a velha sozinha naquele momento.

Na revisão do texto, a professora realiza correções resolutivas e uma textual-interativa em forma de comentário (MENEGASSI; GASPAROTTO, 2016), que expõe a necessidade de algumas informações serem apresentadas na segunda versão. As correções são atendidas pelo estudante e, no texto final, podemos notar alterações e acréscimos, que evidenciam maior compreensão e melhor síntese do texto. Entre as modificações realizadas na versão final, observamos a presença de contrapalavras, pois, seguindo as orientações presentes na correção da professora, o estudante transforma os discursos do conto em palavra minha:

**Quadro 4 – Apresentação de modificações realizadas no processo de revisão e de reescrita do estudante F**

Excerto do conto	Excerto da 1º versão do texto
<p>“[...] o mais velho comandou, e os outros obedeceram na forma do sagrado costume. Pegaram calhaus lisos, de ferro, tomaram posição. Cada um jogaria por sua vez, com intervalos para observar o resultado. O chefe reservou-se um objetivo ambicioso: a chaminé.</p> <p>O projétil bateu no canudo de folha-de-flandres enegrecido – blem – e veio espatifar uma telha, com estrondo. Um bem-te-vi assustado fugiu da mangueira próxima. A doida, porém, parecia não ter percebido a agressão, a casa não reagia. Então o do meio vibrou um golpe na primeira janela. Bam! Tinha atingido uma lata, e a onda de som propagou-se lá dentro; o menino sentiu-se recompensado. Esperaram um pouco, para ouvir os gritos. As paredes descascadas, sob as trepadeiras e a hera da grade, as janelas abertas e vazias, o jardim de cravo e mato, era tudo a mesma paz.</p> <p>Aí o terceiro do grupo, em seus 11 anos, sentiu-se cheio de coragem e resolveu invadir o jardim. [...] Os companheiros, desapontados com a falta do espetáculo cotidiano, não, queriam segui-lo. E o chefe, fazendo valer sua autoridade, tinha pressa em chegar ao campo.</p> <p>O garoto empurrou o portão: abriu-se (ANDRADE apud CEREJA; MAGALHÃES, 2012, p. 125).</p>	<p>“Três garotos gostavam de provoca-la, até que o líder tomou uma decisão, entrar na casa da doida, a casa era vazia [...]”.</p>
Correção da professora	Excerto da 2º versão do texto
<p>“Estudante, seu texto está bom, mas você deixou de citar muitos fatos importantes: por que os meninos sempre jogavam pedra na casa? Por que um resolveu entrar? Você pode acrescentar esses e outros fatos relevantes!”</p>	<p>“Até que um dia os 3 garotos foram na casa da doida para provoca-lá, jogaram pedras na casa e viram que não houve nenhuma reação, então o líder tomou a decisão,; entrar na casa.”</p>

Fonte: Elaborado pelos autores.

Verificamos que, na correção, a professora destaca a ausência de informações importantes no texto do aluno e a necessidade de acrescentá-las. Por meio de questionamentos, tipo de correção textual-interativa utilizada para instigar o aluno a acrescentar informações ou refletir sobre aspectos do texto (MENEGASSI; GASPAROTTO, 2016), a professora leva à reflexão e encaminha a revisão e a reescrita do aluno. Para que o estudante pudesse responder ao segundo questionamento em seu texto, seria necessário compreender um longo trecho do conto para apresentar, de forma sintetizada e modificada, a informação em seu resumo.

Stella (2007, p. 181) pondera que

A compreensão da palavra exterior, resultado desse processo de confronto e interpretação, proporciona uma reavaliação, uma modificação e o surgimento de um novo signo na consciência, uma nova *palavra interior* [...], resultado evolutivo do contato e da assimilação pelo sujeito da palavra do outro.

Assim, dialoga com a proposição de Bakhtin/Volochinov (2010) de que o próprio ato de compreender é uma forma de apresentar contrapalavras. Nesse sentido, a manifestação de contrapalavras pode ser orientada na revisão e na reescrita do texto, visto que a prática de revisão da professora possibilitou que a compreensão do estudante se manifestasse de forma mais satisfatória, além de propiciar que seu discurso estivesse presente no texto produzido.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao partirmos do objetivo de discutir de que forma a contrapalavra configura-se nos discursos escritos dos alunos e como os processos de revisão e de reescrita podem contribuir com sua manifestação nos textos produzidos em sala de aula, analisamos a atuação dos estudantes na prática de escrita proposta, considerando a produção inicial, bem como a revisada e reescrita, orientada pela revisão da professora.

Diante dos dados, observamos que não houve predomínio, por parte dos alunos, da manifestação de contrapalavra na primeira versão dos textos, pois apenas cinco, entre o total de 26, apresentaram compreensão de forma satisfatória, conforme solicitado pela professora. Desse modo, a maior parte dos alunos produziu textos com a presença de recortes do texto-base, equívocos de leitura – pela incompreensão ou interpretação inadequada –, exposição de detalhes em excesso ou com ausência de informações importantes, isto é, não foi possível verificar, nesses casos, discursos próprios dos alunos, transformados a partir de discursos outros.

Em relação às contrapalavras, constatamos que a sua manifestação possui relação direta com a compreensão dos estudantes acerca do texto-fonte e fez-se presente apenas quando houve compreensão do conto e apropriação da palavra alheia, o que os levou a gerar a “palavra minha” no decorrer do processo. Nesse sentido, observamos três diferentes formas de expressão de compreensão por parte dos alunos, que resultaram na presença ou ausência de contrapalavras nos textos: a) resumos com manifestações discursivas que apenas apresentam uma reprodução dos enunciados do conto; b) resumos que expõem, de forma simultânea, enunciados reproduzidos pelo aluno e contrapalavras; c) resumos nos quais há manifestação de compreensão e de contrapalavras.

Observamos, assim, que os estudantes apresentaram dificuldades para manifestar seu próprio dizer nos textos, possivelmente, pela falta de compreensão do conto no momento de produção da primeira versão. O gênero produzido também pode ter influenciado na apresentação de contrapalavras, ao considerarmos que, em um resumo, não se deve apresentar opiniões e informações que não estejam no texto-base, somente transformar e

reacentuar os discursos do outro; atender às características do gênero pode tornar-se um processo árduo.

Tendo em vista tais manifestações, a revisão da professora foi fundamental para que os estudantes pudessem desenvolver e apresentar contrapalavras em seus textos no processo da reescrita, principalmente os que se distanciaram da proposta de escrita na primeira versão, dado que, por meio das orientações apresentadas pelas correções empregadas, foi possível que os alunos manifestassem, no decorrer do processo de escrita, seus próprios discursos em diálogo com a palavra alheia.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 4. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

BRAGAGNOLLO, R. M. A produção textual do gênero resumo escolar. In: ANTONIO, J. D.; NAVARRO, P. (Org.). *Gêneros textuais em contexto de vestibular*. Maringá: Eduem, 2017. p. 235-251.

CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. *Português: linguagens*. 7. ed. reform. São Paulo: Saraiva, 2012.

FARACO, C. A. *Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola, 2009.

FIAD, R. S.; MAYRINK-SABINSON, M. L. T. A escrita como trabalho. In: MARTINS, M. H. (Org.). *Questões de linguagem*. São Paulo: Contexto, 1991. p. 54-63.

JESUS, C. A. de. Reescrevendo o texto: a higienização da escrita. In: CHIAPPINI, L. (Coord.). *Aprender e ensinar com textos*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2004. p. 99-117.

MACHADO, A. R.; LOUSADA, E. G.; ABREU-TARDELLI, L. S. *Resumo*. 7. ed. São Paulo: Parábola, 2004.

MENEGASSI, R. J. *Da revisão à reescrita de textos: operações e níveis lingüísticos na construção do texto*. 1998. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual Paulista Júlio e Mesquita Filho, Assis.

MENEGASSI, R. J. Conceitos bakhtinianos na prova de redação. *Revista Línguas e Letras*, ed. esp. XIX CELLIP, p. 1-15, jan./jun. 2011. Disponível em:

<<https://bit.ly/2UzHDCE>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

MENEGASSI, R. J. A escrita como trabalho na sala de aula. In: JORDÃO, C. M. (Org.). *A linguística aplicada no Brasil: rumos e passagens*. Campinas: Pontes, 2016. p. 193-230.

MENEGASSI, R. J.; GASPAROTTO, D. M. Revisão textual-interativa: aspectos teórico-metodológicos. *Revista Domínios de Linguagem*, Uberlândia, v. 10, n. 3, p. 1019-1045, jul./set. 2016. Disponível em: <<https://bit.ly/2HPFCkl>>. Acesso em: 28 maio 2018.

RUIZ, E. D. *Como corrigir redações na escola: uma proposta textual-interativa*. 1. reimp. São Paulo: Contexto, 2010. p. 33-57.

SERAFINI, M. T. *Como escrever textos*. Tradução de Maria Augusta Barros de Mattos. Adaptação Ana Luísa Marcondes Garcia. Rio de Janeiro: Globo, 1987.

STELLA, P. R. Palavra. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2007. p. 177-190.